

A ILUSÃO AUTOBIOGRÁFICA EM VALÉRIO DO BIERZO: UMA REFLEXÃO SOBRE A NATUREZA DO AUTOR E DO INDIVÍDUO NA LITERATURA HAGIOGRÁFICA MEDIEVAL

THE AUTOBIOGRAPHICAL ILLUSION IN VALERIO OF BIERZO: A REFLECTION ABOUT THE AUTHOR'S NATURE AND THE INDIVIDUAL IN MEDIEVAL HAGIOGRAPHIC LITERATURE

Ronaldo AMARAL*

Resumo: A hagiografia, ou as “vidas” dos santos na Idade Média, tem sido considerada uma fonte para o historiador desde o século XIX. Contudo, e a despeito de teorias como a História do Imaginário e do profícuo diálogo entre a Literatura e a História, há muitas décadas já a nosso alcance, ainda se realizam estudos dessa fonte, mormente pautados em parâmetros positivistas e materialistas, o que é particularmente grave se tivermos em mente que a hagiografia constitui-se em uma fonte literária, sendo ainda o produto de um imaginário da História. Tendo em mente a necessidade desse revisionismo, sobretudo quanto à análise das fontes literárias hagiográficas, gestamos o presente trabalho.

Palavras-chave: Hagiografia – Literatura – Autor.

Abstract: Hagiography, or the “lives” of the saint in Middle Ages, has been considered an information source to historians since the nineteenth century. However, and despite theories like the History of the Imaginary and the fruitful dialogue between literature and history (for many decades within our reach), studies still have been conducted from this source, mainly guided by positivist and materialist parameters, which is particularly serious once we take in account that hagiography is a literary source, still being the product of an imaginary history. Bearing in mind the necessity of this revisionism, especially as the analysis of hagiographic literary sources, this present study is gestated.

Keywords: Hagiography – Literature – Author.

Para o leitor mais avisado quanto às discussões sobre a escrita biográfica, particularmente aquelas ocorridas no âmbito historiográfico e sociológico, ficará desde já claro nossa dívida para com as reflexões de Pierre Bourdieu (1996, p.183-191), sobretudo, tendo em vista a primeira parte do título desse trabalho. Acrescentemos, não obstante, e ainda a partir de nosso título, mais uma observação como preâmbulo necessário à discussão aqui proposta. A ilusão autobiográfica a que nos referimos não se aplica a Valério do Bierzo, ou seja, ao seu intento consciente e metodologicamente

* Doutor em História – Professora Adjunta do curso de História – UFMS – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campus Três Lagos, CEP: 79603-011, Três Lagoas, Mato Grosso do Sul – Brasil. Pós-doutorado em História – Universidade Estadual Paulista, Campus de Assis. E-mail: ronalduamaral@hotmail.com

instrumentalizado de se “autobiografar”, mas aos seus estudiosos posteriores que atribuiriam a esse monge medieval e a sua “obra”, uma natureza literária e ideológica anacrônica à sua época e escopo. Portanto, o uso mais adequado e cuidadoso das seguintes preposições em nosso título “A ilusão autobiográfica *em* Valério do Bierzo” e não “A ilusão autobiográfica *de* Valério do Bierzo”.

Pierre Bourdieu definiu a autobiografia como a propensão de um indivíduo tornar-se ideólogo de si mesmo, selecionando certos acontecimentos significativos da sua própria vida, para aplicá-los a si próprio, no quadro de uma intenção global que desejara levar a cabo (BOURDIEU, 1996, p. 184). Uma autobiografia teria por objetivo, portanto, dar um quadro idealizado de si mesmo. Seguem, nesse sentido, as palavras de Jacques Le Goff, citadas por Sabina Loriga, que nos adverte sobre a incapacidade da biografia em “mostrar a significação histórica geral de uma vida individual” (LORIGA, 1998, p.225-249). Sem pretendermos nos deter mais na discussão crítica do gênero biográfico, de suas possibilidades e limites, devemos tão somente anotar nossa postura de grande ceticismo quanto a sua possibilidade de realizar-se em *essentia*, compartilhando, assim, das posturas críticas de Pierre Bourdieu (1996) e Jacques Le Goff (apud LORIGA, 1998), que fazem eco a uma miríade de estudiosos que comungam desta mesma postura.

No entanto, uma questão que nos interessa mais de perto, e que está mesmo no cerne da escrita biográfica ou autobiográfica, é a discussão sobre o indivíduo. Partindo da premissa de que a biografia pretere os destinos coletivos, a dimensão coletiva da experiência histórica, em proveito do destino individual, da trajetória pessoal de um indivíduo, haveríamos que nos perguntar: seria isso possível, exequível histórica/historiograficamente falando? Seria possível à História afirmar e trazer à luz uma existência individual, sobretudo por ela mesma, por meio de uma autobiografia?

No que respeita a tentativa de reconstruir a individualidade de uma personalidade histórica (a menos que admitamos que esse trabalho leve com mais assertiva a uma recriação daquela personalidade a favor da visão de mundo do biógrafo), somos mais partidários das reflexões de Edward Carr (2011, p. 43-90), para quem o indivíduo, assim como o fato histórico, embora dificilmente possa ser negado, parece não poder ser apreendido em si. Sabina Loriga, trazendo à luz uma discussão que remonta ao século XIX, lembra-nos de que o gênio individual estaria composto tanto por uma parcela mais essencial e inerente do *eu* quanto por aquela que advém do meio sociocultural que conjuga em si e igualmente o constitui. Apesar da longevidade dessa

discussão, nenhum autor parece ter se arriscado a afirmar a capacidade total que o pesquisador tem de vislumbrar o indivíduo em sua totalidade, principalmente levando em consideração a capacidade efetiva de perscrutar e apresentar aquela parcela mais idiossincrática que compõe sua individualidade (LORIGA, 2011, p.14). Não obstante, no bojo da produção historiográfica, a apreensão do indivíduo em si é ainda mais inexequível, dado que não se pode concebê-lo e vislumbrá-lo por outra existência que não aquela revelada pela literatura, inclusive quando apresentado por ele mesmo. Trazido à luz necessariamente por meio de um testemunho literário, não poderá ser apreendido para além e aparte da percepção do seu observador/constituidor que imperativamente lhe atribui um valor novo, um teor novo, uma definição própria (e isso tanto em relação ao biógrafo quanto ao leitor da biografia). Assim, toda e qualquer apreensão sua, deforma-o, reescreve-o, em última circunstância, recria-o. Sua individualidade é composta pela hibridez que emerge de si, mas que necessariamente origina-se a partir de sua congruência com o coletivo que o constitui, partícipe que é de seu meio sociocultural. No caso de uma autobiografia, essa constituição do indivíduo pelo social pode mesmo ser dupla, uma vez que o autor da escrita de si, tanto estaria condicionado por esse coletivo no momento de sua redação (o indivíduo autor) como deveria ser o produto mesmo desse meio sociocultural (o indivíduo protagonista) no momento de sua escrita de si.

Chegamos nesse ponto a duas reticências: a da existência da biografia em sua mais ampla acepção e, como um desdobramento desta, a da existência do indivíduo como entidade histórica asseverativa. Mas tal quadro de ceticismo a respeito da existência em nada controversa do indivíduo, da biografia e da autobiografia, como testemunhos de realidades históricas *per se*, pode ser ainda agravado se nos reportarmos à Antiguidade Tardia, em que encontraremos, com nossa fonte, os pretendidos escritos “autobiográficos” do monge Valério do Bierzo. Acrescentamos, como endosso a essas considerações, que o termo biografia só aparece no século XVII, surgindo exatamente para designar

[...] uma obra verídica, fundada numa descrição realista, por oposição a outras formas antigas da escritura de si, que idealizavam os personagens e as circunstâncias de sua vida tais como “o panegírico, o elogio, a oração fúnebre, a hagiografia” (LORIGA, 2011, p.14).

Isso quer dizer que, mesmo os defensores mais entusiastas da biografia, enquanto testemunhos real e total da existência de um indivíduo, não deveriam afirmá-la antes da época moderna.

Valério do Bierzo, segundo informações que se depreendem de seus próprios escritos, viveu ao longo do VII século, em especial na sua segunda metade. Nasceu e habitou, *grosso modo*, na região hispânica conhecida como o Bierzo, onde praticou seu monasticismo anacorético (quando o monge vive em um lugar deserto ou aparte dos demais irmãos, nesse caso, geralmente recluso em um habitáculo) entre seus campos, vales e montanhas. Para sua época e meio geográfico, destacou-se como um prolixo leitor e escritor; seus escritos dividem-se em quatro categorias: poemas, escritos ascéticos e dogmáticos, a compilação hagiográfica (sobretudo hagiografias de monges eremitas tanto orientais como ocidentais) e sua atribuída “autobiografia”. Essa última nos interessará aqui.

Segundo a edição do filólogo Manuel Díaz y Díaz (DÍAZ Y DÍAZ, 2006, p.105), os escritos de cunho “autobiográfico” de Valério do Bierzo, que se complementam por cuidarem de narrar suas vicissitudes “pessoais” são, no essencial, as seguintes peças: “Narrações de Valério dirigidas ao abade Donadeo”; “História das minhas lamentações pelas mencionadas disputas”; “Nova explicação do contado desde minhas primeiras penitências”; “Um detalhe que resta por contar das minhas anteriores queixas”.¹

O nosso problema começa a residir precisamente aqui. Tivera Valério nesses escritos o objetivo claro de produzir, com uma instrumentalização intelectual e conceitual precisa, uma biografia de si? Em que circunstância sociocultural e, particularmente, movido por quais veleidades e imperativos ideológicos e imaginários (que são sempre coletivos, advirta-se) quisera o monge do Bierzo se nos apresentar? Por fim, por que, para que e para quem Valério escreveria? Começemos nossa discussão considerando que Valério do Bierzo é tanto produto como produtor de uma visão de mundo que não é a nossa; que grande parte de sua “autobiografia” é composta por apropriações de ideias e literárias de outras *Vitae*, sobretudo de monges solitários com os quais ele se identificava; que Valério só se nos dá a conhecer permeado por uma existência sagrada, supra-humana, embora, sobretudo, demoníaca. Portanto, onde estaria a vida de um homem, no seu sentido secular e essencialmente humano, como deve exigir uma metodologia adequada para um escrito biográfico, sobretudo o reconhecido enquanto tal por historiadores e demais cientistas da humanidade que cuidam de sua

discussão? Teríamos que constatar, tendo chegado aqui, que haveríamos de encontrar dois “Valérios”, ou seja, o Valério autor e o Valério protagonista de sua “autobiografia”. O primeiro se inscreve na categoria ontológica do “indivíduo”, do “fato”, que, como já dissemos, é inapreensível em si historicamente. E, como autor, deve-se considerá-lo ainda como uma entidade própria em relação à existência total do seu ser individual, ou seja, pelas palavras de Proust, “Um livro é um produto de um outro eu que não é aquele que manifestamos em nossos hábitos, na sociedade, nos nossos vícios” (LORIGA, 2011, p. 28). A intenção do eu que escreve, a quem Umberto Eco chama de “autor empírico”, fica subjugada pela própria intenção do texto, que ganha uma existência própria e independente das intenções conscientes do autor (ECO, 2012, p. 82). O segundo, produto do imaginário de si (que transporta o indivíduo a imagens coletivas e ideais que nele se conformam e o formam) pode e deve nos interessar mais, uma vez que é um retrato mais vivo e colorido de suas emoções, medos e aspirações, não obstante, de todo o meio sociocultural que reuni em si.

No mais, a escrita biográfica ou autobiográfica, como já anotamos, cuida precisamente do indivíduo. E já não é sabido que o próprio conceito, assim como a própria experiência do *ser* indivíduo e do *ter* uma autoconsciência desse estado de si, inexistia na época de Valério, assim como em toda Idade Média posterior?

Indicações do gênero já foram feitas por Roger Collins, que no fundo afirma uma obviedade: o conceito de autobiografia não existia nessa época; oferecê-lo aos escritos de Valério seria cometer um anacronismo; no mais, contribui melhor ao precisar a dívida que a “vida” de Valério tem a com a *Vita Antonni* de Atanásio de Alexandria (COLLINS, 1986, p.431). Renan Frighetto, mais condescendente com uma leitura positiva desses escritos, afirma que se pode extrair deles “uma considerável quantidade de informações respeitantes tanto à vida particular de nosso autor”, como ver aí revelado um “colorido quadro sociocultural, econômico, político e religioso da *Gallaecia*” (FRIGHETTO, 2005, p. 22,28) daquele tempo. Quanto à possibilidade de extrair informações sobre a vida particular de um personagem, sublinhe-se, um personagem hagiográfico medieval (Valério nada mais é do que isso nesses escritos), parece muito difícil, senão impossível, de aceitá-la. No que se refere à possibilidade de ver nos escritos “autobiográficos” de Valério um quadro do contexto social, econômico e político, tal desejo deve ser matizado pelo fato de uma hagiografia estar sempre e imperativamente composta por um tempo próprio, no interior do qual se conjugam indistintamente o tempo ordinário com aquele de longa duração histórica, caracterizado

pela anistoricidade, assim como por espaços simbólicos, espaços-representações, que igualmente se conjugam e criam um quadro existencial ideal. Os lugares, pessoas e situações são representações de uma existência ideal, sagrada, divina, a única, aliás, requerida e essencialmente vivida pelo homem medieval, portanto, a única que ele nos poderia dar a conhecer.

Ver, assim, em uma fonte histórica, sobretudo a literária hagiográfica, essencialmente um produto e um testemunho de seu contexto mais “duro” e imediato, é abarcar uma realidade histórica que mais tangencia a produção e a essência do texto do que o contempla em toda sua complexidade e riqueza. E se tivermos que entendê-la, sobretudo como um texto literário (e a hagiografia é um texto literário, e o historiador dedicado a ela deve tê-lo em mente), tal ação metodológica se torna ainda mais negligente, pois a literatura é uma realidade histórica em si. Assim, a hagiografia é uma produção híbrida, formada das estruturas de longa (imaginário, *topoi* literários, arquétipos) e curta duração histórica (o contexto mais imediato. Ela, enquanto fonte literária histórica, é em si uma realidade histórica própria; no seu interior encontrar-se-á, é certo, o contexto o qual a produziu, contudo já não sendo ele mesmo. Portanto, as fontes literárias, como as hagiográficas, não podem “oferecer informações sobre aquilo para que não foram feitas”, uma vez que “não obedecem a motivações, regras ou finalidades iguais aos do documento de arquivo que o historiador esta habituado a utilizar” (LE GOFF, 1994, p.14). O contexto sociomaterial, embora de fato apresentado por uma fonte literária, não pode ser visto como um testemunho secular, racional-lógico, desprovido de uma natureza fundada em circunstâncias próprias do maravilhoso e do simbólico hagiográfico.

Voltemos às questões que propomos em linhas anteriores. Por que, para que e para quem Valério escrevera sua “autobiografia”? Parece certo que para edificar com seus exemplos ascéticos (sobretudo aqueles que ele se autoatribuiu) leitores possíveis, sobretudo monges, já que parte de seus textos dedica ao abade do Mosteiro de São Pedro de Montes, Donadeo, uma vez que vivia como solitário nas suas cercanias, não obstante se relacionando com mais ou menos intensidade com sua comunidade de monges. Mas queremos propor aqui, consoantes às reflexões de Michel Foucault sobre a natureza do autor (FOUCAULT, 2009), que os escritos “autobiográficos” de Valério foram produzidos no sentido de constituírem-se em uma escrita de si para si. Tal consideração esvaziaria, portanto, seu atribuído valor “autobiográfico”, oferecendo

mesmo a hipótese de que os escritos de Valério teriam uma natureza e um objetivo inverso àquele.

Valério do Bierzo, produto de seu tempo, a Antiguidade Tardia, de forte percepção dualista e escatológica (DODDS, 1975, p.32), e, sobretudo, do meio monástico eremítico que lia, meditava, arrazoava e vivia, atribuía todas as benesses que recebida à vontade de Deus, assim como todos os males de que se via alvo ao influxo do diabo. Na maior parte das vezes, o diabo se manifesta manipulando as pessoas contra ele, como muito bem insistiram e dissertaram sobre essa natureza e capacidade dos demônios os teóricos da espiritualidade monástica, como Evragio Pontico e João Cassiano (AMARAL, 2011, p.40). Assim, em sua “autobiografia”, algumas pessoas de seu convívio, como Isidoro, bispo de Astorga, o sacerdote Flaíno, os monges do mosteiro de São Pedro de Montes, todos de algum modo perseguidores e detratores de Valério, não seriam, segundo ele, movidos por humores próprios, mas por instigação demoníaca.

Valério, que se mostra, ao mesmo tempo, como uma vítima constante da sua própria existência terrena, não obstante faça disso um motivo de louvor a si próprio, uma vez que assim se assemelharia aos grandes ascetas os quais, como ele próprio, seriam perseguidos, mais do que por homens e pelo poder secular, pelo próprio demônio e seus sequazes (cujas *Vitas* sabemos conhecer tão bem), parece querer sugerir, por um processo mental de autoafirmação do lido para seu vivido, ser ele uma reencarnação na Hispânia do VII século daqueles heróicos eremitas edificadas pela literatura hagiográfica do deserto.

Como já afirmamos em outro momento, o monge do Bierzo, longe de constituir-se em um “esquizofrênico” ou o autor de um plágio, ao descrever e atribuir para si as mesmas virtudes e circunstâncias encontradas nas “vidas” e nos “feitos” dos Padres do Deserto, como correríamos o risco de admitir contemporaneamente, deveria acreditar realmente que aquelas realidades lidas, meditadas e queridas para si foram tão verdadeiras e concretamente executadas por ele quanto o foram entre os seus congêneres orientais anteriores, pois eles, Valério e os Padres do Deserto, participavam do mesmo modelo de santidade, oriundos de análogas circunstâncias espaço-temporais, ou seja, o santo eremita dos primeiros séculos cristãos que viveria em lugares ermos, povoados por demônios e milagres e sob a égide de uma espera escatológica.

Aaron Gourevitch (2006), a favor de nossa constatação, e igualmente refletindo sobre textos medievais, autobiografias e confissões, conclui analogamente que a

consciência de si para o autor medieval é aquela que o identifica constantemente a exemplos ou modelos tomados da tradição bíblica ou patrística. Tal procedimento é mais que uma “homenagem forçada”, uma vez que, o indivíduo medieval só pode formar-se assimilando os fragmentos de outros indivíduos tomados dos textos (GOUREVITCH, 2006, p. 622). Franco Cardini (1984, p.25), por sua vez, já nos advertia que na Idade Média situações existenciais análogas faziam que muitos autores tomassem para si as realidades presentes em documentos mais antigos, às vezes, mesmo os da época clássica.

No mais, haveríamos de considerar aqui a própria cosmovisão do homem medieval como endosso ao nosso intento de descobri-lo em seu contexto sócio-mental próprio. Valério (e aqui nos referimos ao autor mesmo) viveria efetivamente em um espaço não fundamentado ou plenamente percebido por uma geografia física e topográfica precisa, ou por um tempo linear teleológico que o impregnaria efetivamente em todos os âmbitos de sua existência e do cotidiano, mas viveria em um tempo unívoco de todos aqueles que levavam uma existência ascética e solitária de forte impressão escatológica, de uma mesma espera apocalíptica, de um mesmo terror do Diabo, senhor desse mundo, de um mesmo temor a um Deus juiz mais que pai, de uma mesma busca pela solidão, pela fuga da dinâmica social das comunidades urbanas, pela oração contínua, pelas práticas da ascese, buscando se despir dos vícios e se recobrir de suas virtudes opostas. Assim, viver no Ocidente ou no Oriente, na floresta ou no deserto, com cervos ou leões, pouca importaria; importariam, sim, suas circunstâncias simbólicas e espirituais, que ofereciam um quadro ideal para uma existência interior comum; importariam seus significados para a santidade, sua construção e elevação. Desse modo, Valério poderia muito bem acreditar existir em um mesmo espaço-tempo que Antão, Hilarião ou Arsenio (personalidades do monaquismo oriental separados dele por pelo menos quatro séculos), pois todos comungavam de uma mesma percepção desse mundo: um lugar de estranhamento, de não pertencimento, de busca pela solidão onde se conviveria com uma natureza, mais do que humana e natural, divina e sobrenatural. Isso seria efetivamente possível, uma vez que o homem da Idade Média vivia em uma percepção espaço-temporal que não era precisamente a nossa. Aron Gourevitch demonstrou que aquele período espacializou o tempo, sobretudo pelo fato de que a percepção que vê o tempo mais por sua totalidade do que por parcialidade e continuidade estará sempre muito mais em consonância à percepção mais comumente dada pela consciência e sensibilidade primitiva do homem, ainda muito em consonância

com pensamento medieval (GOUREVITCH, 1991, p. 46). Os eventos do passado ou do futuro podem ser vistos ou experimentados em um mesmo “espaço” de tempo. Desse modo, um evento passado pode ser visto ou entendido como algo tão do presente como aquilo que se espera ou almeja no futuro (como seria o caso da experimentação do paraíso para os santos ainda nesse mundo).

Atribuir a esse monge que viveu no alvorecer da Idade Média, uma consciência individual como a entendemos e percebemos hoje, a ponto de se afirmar que ele produziu objetivamente uma “autobiografia”, parece denotar para os que comungam dessa ideia uma séria incompreensão daquele período em que viveu Valério do Bierzo.

Michel Foucault, estudando um trecho a *Vita Antonii* (“vida” de Antão), demonstrou de forma magnífica a função que esse tipo de escrita teria para seu autor (Atanásio de Alexandria, que aconselha nela, pela boca de Antão, que os monges registrassem seus pensamentos e emoções). Precisou que uma “escrita de si” para um monge solitário deveria ter três funções básicas: ocupar o lugar de um companheiro com o qual discutiria sobre as vicissitudes e as preocupações de sua existência; ocupar o lugar de um diretor espiritual, de um confessor, entregando-lhe seus pensamentos, medos, aspirações, pecados; e, por fim, oferecer um instrumento de “autoexorcismo”, ao exteriorizar seus pensamentos, dar a eles nomes, causas, imagens mais bem definidas (FOUCAULT, 2009, p.130) de onde poderiam julgar se proveriam das artimanhas do Diabo, então para extirpá-los, ou das aspirações de Deus, para assim cultivá-los.

Poderíamos lembrar aqui de algumas passagens da “autobiografia” de Valério do Bierzo que dão assertiva a essas observações de Foucault. Valério nos conta que em uma ocasião teria pedido a um menino que levasse como recado ao encarregado do seu celeiro que distribuísse uma quantidade de cevada a um cego e a metade dessa mesma quantidade a um pobre qualquer. Mas ele, esquecendo-se de informar o menino desse mandado quando se sua saída, só o fez quando esse já estava a caminho e a alguma distância, ladeira abaixo, de modo que teve de gritar, tornando público aquilo que deveria ter sido feito em segredo. Isso causaria ao monge uma culpa irrepreensível, uma vez que Valério deveria ter em mente a admoestação evangélica:

Quando, pois, deres esmola, não faças tocar trombeta diante de ti [...] Mas, quando tu deres esmola, não saiba a tua mão esquerda o que faz a tua direita. Para que a tua esmola seja dada ocultamente (Mateus, 6, 1-4).

Ao cotejar essa máxima evangélica com sua atitude, o processo de culpa e autopunição seria tal que gerariam estas significativas linhas:

[...] quando chegou a noite, e eu estava metido em minha cama, e o sopor do sono havia ganhado todo meu corpo, me vi estendido, sujeitado com força para sofrer tormentos; de um lado e de outro dois tipos estavam de pé com facas, que feriam dolorosamente meu corpo, e me ardiam as costas. Dominado pela enorme dor despertei imediatamente; logo, por puro cansaço voltei a dormir, mas seguia com os mesmos tormentos. Quando ao fim me encontrei já desperto de todo, rezei assim ‘Senhor, pela misericórdia de sua piedade, revela-me a razão de sofrer esse castigo, pois não sei em que falta eu incorri para tanto furor de sua ira’. Logo ouvi uma voz que me dizia: ‘Não ouviu que o evangelho disse que seja sua esmola em oculto?’ Ao ponto fiquei livre de minhas amarras, e dei graças a Deus porque se havia dignado a corrigir minha dignidade com aquele aviso (VALÉRIO DO BIERZO, 2006, p. 283-285).

Deve-se observar, contudo, que as repreensões e castigos divinos no âmbito da realidade onírica, em função da tomada de consciência de um pecado interiormente arraado, também encontrariam seu antecedente na literatura ascético-monástica. São Jerônimo, que praticava a vida de monge solitário no deserto oriental de Calcis, entremeava sua *lectio divina*, ou seja, sua leitura devocional das Sagradas Escrituras com a leitura de autores clássicos. Considerando as obras clássicas superiores em qualidade e beleza literária em relação às Sagradas Escrituras, viu-se tomado por tal culpa a ponto de ver-se arrebatado em espírito diante do tribunal juiz (Deus) que, tendo interrogado-o sobre sua má conduta pela dedicação aos autores profanos, castigá-lo-ia com chicotadas, as quais lhe custaram os ombros machucados e as dores pelas feridas ao despertar.

De volta a “autobiografia” de Valério, caberá aqui lembrar mais uma de suas passagens que denotam sua importância enquanto uma escritura voltada, antes de tudo, para seu próprio autor. Valério dedica um escrito ao abade Donadeo em que afirma ter sido o testemunho auricular de certo monge Maximo que, “temporariamente morto”, fora levado ao paraíso conduzido por um anjo.

Ia ele (o anjo) adiante e eu atrás em meio das delícias daquele jardim: todo o lugar, deleitoso pela variedade de plantas... Surpreendido, contemplava a um e outro lado maravilhosos bosques, de abundante espessura que se estendia por todas as partes; um conjunto impressionante por seu verdor maravilhoso que provocava admiração. Com esplendores primaveris brilhava a preciosidade inefável de toda

aquela vegetação e destacavam as grandes flores de vivas cores, enquanto um perfume embriagador embalsamava o ambiente e um aroma ambrosíaco espalhava seus eflúvios impregnantes em um orvalho e néctar (VALÉRIO DO BIERZO, 2006, p. 203-205).

Parece que Valério, ao descrever esse paraíso testemunhado por Maximo (não duvidamos que essa visão fora, de fato, concebida por Valério denotando assim, no melhor dos casos, a sua concepção, assim como a dos seus, de como alcançariam o estado bem-aventurado que exasperadamente aguardavam), de forma tão minuciosa quanto a suas benesses e beleza, nada mais fazia do que insistir para si, dando-lhe uma existência tão viva quanto colorida, sobre a crassa realidade daquele almejado lugar. Entregava antecipadamente a seus olhos, a seu coração, aquele prêmio que todo cristão esperava obter com a máxima premência possível nesses séculos de angústia. Assim, a descrição desse paraíso, que nada mais era do que a otimização das belezas da flora do Bierzo onde Valério vivia, serviria menos para Maximo, o autor “temporariamente defunto” da visão, ou para Donadeo, a quem Valério dedica o escrito, do que para o próprio Valério, que se reconfortaria ao dar uma existência mais exequível ao Paraíso,² sobretudo por meio da escrita, precisando suas formas, lugares, cores e cheiros, pois, na Idade Média, por meio das palavras poder-se-ia “atingir a verdade ‘ontológica’ do ser e do objeto que esta designa” (PASTOREAU, 2006, p.15).

Podemos dizer, assim, que temos na “autobiografia” de Valério do Bierzo a descrição de uma personalidade histórica que o próprio Valério quisera de si e para si, a qual ele desejara ser, que se revestira dos célebres modelos monásticos hagiográficos que tão bem conhecia, conformando-os a si e a sua realidade sociocultural mais imediata. Seguindo a lógica da hagiografia medieval, o protagonista que nela se encontra (nesse caso, o Valério hagiografado) é sempre mais uma representação, um ideal que se quer encarnado, mais do que uma apresentação de uma personalidade histórica entendida no seu sentido positivo e temporal, pois é lógico que, por sua própria natureza e escopo, uma hagiografia objetiva apresentar mais a “vida” de um santo do que a de um simples homem e seus limites. O hagiografado vê-se renascido enquanto personalidade histórica pela pena do hagiógrafo, que o descreverá em tudo enquanto cumpra sua razão de ser, ou seja, a santidade. Para a Antiguidade Tardia, ele será sempre um solitário, um asceta que combate os vícios e neles vê o demônio, que exorciza, que converte outras almas à vida solitária, que desdenha a vida em sociedade e os bens desse mundo e, por fim, que, no deserto, transcenderá o mundo habitando

amigavelmente com a natureza. Não encontramos essas características na “autobiografia” de Valério, assim como nas demais *Vitae* de solitários orientais e ocidentais que o mesmo leu, copiou e guardou no coração? Se o escopo da hagiografia é descrever o santo e, imperativamente, o asceta solitário na Antiguidade Tardia, todo santo hagiograficamente produzido nesse período será sempre um retomar, um reviver seus congêneres anteriores consagrados pela literatura ascético-monástica. Aqui, Valério não fizera de si e para si uma exceção.

Daí, todo novo santo produzido por uma nova hagiografia ser, em grande medida, um santo já consagrado pela tradição que, no entanto, ganha um novo corpo, uma vez que há de estabelecer-se em um novo contexto espaço-temporal. Não obstante, o modelo que se deseja reviver é sempre mais uma projeção de quem o aspira do que a imitação passiva de um personagem concreto (MALRIEU, 1996, p. 239). Portanto, se toda e qualquer tentativa de um escrito biográfico ou autobiográfico é problemático, pelas razões já apresentadas no início desse nosso texto, o que dizer quando esse escrito fora produzido na Idade Média e tivera intentos sagrados antes que humanos, lançando mão de um arcabouço mental e ideológico que não é o nosso, uma vez que, nesse período, o próprio pensamento se pautava por uma visão simbólica e analógica do mundo, ou ainda, era devedor de outra lógica e sensibilidade em relação à existência e percepção da natureza, dos seres e das coisas, que definitivamente não é a nossa.

E se tivermos que ficar por conta da discussão mais precisa da impossibilidade de “resgatar” o homem histórico no seu sentido mais positivo, ou seja, aquele que poderíamos encontrar e precisar concretamente nas mais variadas circunstâncias de seu existir, ou ainda, na política, na religião, na sociedade, na economia (ademais, não seriam essas concepções sociomateriais modernamente entendidas enquanto estruturas próprias e diferenciadas entre si, portanto estranhas à existência do homem medieval, sobretudo no sentir-se partícipe delas e de suas respectivas consequências?), haveríamos de ouvir novamente a Aaron Gourevitch (2006) a respeito da inexistência do homem individual nas fontes medievais, precisamente as tidas como “autobiográficas”:

A pessoa busca meios para se exprimir, mas aquele que a cultura põe a sua disposição é frequentemente, ou quase sempre, obstáculos para o conhecimento de si mesmo. O texto da “autobiografia”, da “confissão” ou da saga jamais é transparente; a poética, as regras de gênero, são tais que todo elemento pessoal e único é dissimulado pelos *topoi*, os lugares comuns tradicionais e as citações dos escritos autorizados, de maneira que uma tela opaca e dificilmente

identificável separa o pesquisador do objeto de sua pesquisa (GOUREVICH, 2006, p.622).

Como nos lembra ainda Gourevitch, a novidade, a inovação era considerada com suspeição na Idade Média; portanto, que autor, carregando ainda o medo de pecar pela soberba, próprio das admoestações ascético-morais da época, intentaria dar-se a conhecer por ele mesmo? No mais, em uma civilização que reconhecia que as realizações mais perfeitas e virtuosas já se haviam realizado no passado, um personagem digno daquelas mesmas circunstâncias só o poderia sê-lo enquanto se constituísse, nada mais nada menos, em um *aggiornamento* dos seus congêneres anteriores que já as haviam realizado.

Insistamos uma vez mais: Valério do Bierzo se apropria das *Vitae* de outros célebres solitários para constituir sua própria existência monástica. E aqui a *Vita Antonii* se sobressai mais que qualquer outra hagiografia. Cotejando suas passagens com a “autobiografia” de Valério do Bierzo, podemos perceber que ambas encerram quadros existenciais, se não propriamente similares, análogos; utilizam-se de *topoi* e circunstâncias arquetípicas da santidade monástica primitiva, sobretudo aquela relacionada com as formas mais variadas e, ao mesmo tempo, mais *sui generis* das manifestações demoníacas (as formas fantasmagóricas de suas aparições, como o demônio alto, negro, que se esvai como a fumaça, que causa tremores e agride mesmo fisicamente os solitários, etc.). Tanto a *Vita Antonii* quanto a “autobiografia” do monge do Bierzo dão ao demônio um papel de verdadeiro proscênio, cujas manifestações só arrefecem, em uma e outra fonte, no final da “vida” de ambos, quando, aliás, eles passam a gozar de uma existência paradisíaca.

Mas o problema haverá que residir agora, a nosso ver, na definição dessa “apropriação” que tanto insistimos ter realizado nosso autor, uma vez que acreditamos que ela fora, em muitos casos, mais que literária ou mesmo ideológica (quando cita, por exemplo, *ipsis litteris* os Diálogos de Gregório Magno e Sulpício Severo), imaginária. As realidades lidas excederiam o exercício puramente intelectual da abstração literária (ler, escrever, compilar). Interiorizadas, as circunstâncias lidas, convergiriam e passariam a participar propriamente de sua imediata visão de mundo. Desse modo, mais do que ler aqueles “fabulosos” personagens da tradição ascético-monástica, incorporá-los-ia em sua práxis cotidiana. Tomando como paralelo a Antão, de cuja “vida” Valério fez largo e prolixo uso, não poderíamos afirmar que tanto um como outro, ademais dos

insignes solitários daquele período, participavam do mesmo modelo de santidade, oriundos de análogas circunstâncias espaço-temporais, ou seja, o santo eremita dos primeiros séculos cristãos que viveria em lugares ermos, povoados por demônios, milagres e sob a égide de uma espera escatológica? Disso poderíamos concluir que a leitura e os mecanismos mentais realizados por Valério do Bierzo, em relação à “vida” e os “feitos” dos monges consagrados pela tradição monástica, realizavam-se para que, de alguma forma, justificassem sua existência e suas realizações mesmas; e não porque o monge hispano se apropriava das virtudes e das circunstâncias daqueles tão só aplicando-as a seu texto, mas porque igualmente as vivia, e de forma tão “sensível” e “real” como acreditara vivenciado por aqueles.

Nesse sentido, percebe-se que quando Valério lança mão de passagens da *Vita* de Antão para sua escrita de si, ele o faz de modo a inseri-las em sua própria práxis cotidiana, como monge solitário que é, a ponto de a “vida” de Antão poder ver-se reatualizada naquela levada por Valério. Um e outro vivem uma mesma existência monástica em sua essencialidade, sublinhando-se o fato de ela ser unívoca e substancialmente acreditada, tanto para um como para outro; aliás, sendo talvez uma existência muito mais verdadeira para Valério que para Antão, pois, enquanto Antão se constituiria em uma personagem essencialmente literário (um monge cuja existência e legado históricos devemos essencialmente às penas e a sua versão requerida por Atanásio), de onde ele só poderia existir mais eficazmente ao ser apreendido pelos olhos e pelo coração de seus leitores. Valério, por ser talvez o mais eminente entre eles, sendo igualmente, ainda, um asceta solitário, revivê-lo-ia no espírito e na carne. Poderíamos concluir dizendo que a existência mais possível de Antão só se daria, portanto, há pelo menos três séculos da confecção de sua *Vita*, e nas regiões mais ocidentais da medievalidade, na pessoa do monge Valério do Bierzo na Hispânia visigótica do VII século.

Referências Bibliográficas

- AMARAL, R. *Da renúncia ao mundo à abolição da história*. O paraíso no imaginário dos Pais do Deserto. Campo Grande: Editora da UFMS, 2011.
- BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. (org.) *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. 183-191.
- CARDINI, F. *Magia, stregoneria, superstizioni nell'Occidente medievale*. Firenze: La Nuova Italia, 1984.

- CARR, E. *O que é História*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- COLLINS, R. The Autobiographical Works of Valerius of Bierzo: their structure and purpose. In: *Antiguidad y Cristianismo III, Los Visigodos*. Murcia: Universidade de Murcia, 1986.
- DÍAZ Y DÍAZ, M. C. *Valerio del Bierzo*. Su persona, su obra. León: Caja España de Inversiones, Archivo Histórico Diocesano, 2006.
- DODDS, R. E. *Paganos y cristianos en una época de angustia*. Madrid: Crisandad, 1975.
- ECO, U. *Interpretação e superinterpretação*. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- FOUCAULT, M. A escrita de si. In: _____. *O que é um autor*. Lisboa: Nova Vega, 2009.
- FRIGHETTO, R. *Valério do Bierzo*. Autobiografia. A Coruña: Toxosoutos, 2005.
- GOUREVICH, A. Indivíduo. In: LE GOFF, J.; SCHMITT, J.C. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Bauru: Edusc, 2006.
- GOUREVICH, A. *Categorias da cultura medieval*. Lisboa: Caminho, 1991.
- LE GOFF, J. *O imaginário medieval*. Lisboa: Estampa, 1994.
- LORIGA, S. *O pequeno x*. Da biografia à história. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- _____. A biografia como problema. In: J. Revel (Org.). *Jogos de Escalas*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 225-249.
- MALRIEU, P. *A construção do imaginário*. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.
- PASTOREAU, M. *Una historia simbólica de la Edad Media occidental*. Buenos Aires: Katz ediciones, 2006.
- SÃO JERÔNIMO. Epístola 22. *Epistolário*. Ed. bilingüe (Latim-Espanhol). Introdução e notas por Juan Bautista Valero. Madrid: BAC, 1993.
- VALÉRIO DO BIERZO, Ordo Quirimoniae. Tradução, introdução e notas de M. C. Díaz y Díaz. *Valerio del Bierzo. Su persona, su obra*. S/d, p.283-285
- VALÉRIO DO BIERZO, Valeri ad Beatvm Donadevm script. Tradução, introdução e notas de M. C. Díaz y Díaz. *Valerio del Bierzo. Su persona, su obra*. S/d, p. 203-205.

Notas

¹ A edição inglesa realizada por Consuelo Maria Aherne em 1949, que partiu de um códice específico para seu estudo, entende como sendo três os escritos “autobiográficos” realizados por Valério do Bierzo.

² O Paraíso fora um dos imaginários e uma das formas de catarse mais sensíveis ao espírito dos cristãos dos primeiros séculos, como é, ainda que de forma secularizada, até hoje. Um mundo temível, instável material e mentalmente, fundamentado por um tempo regido por uma exasperada espera escatológica, pela impressão de estar tomado pelo Maligno e pela possibilidade diuturna da tentação, do pecado e, como consequência, da condenação por parte de um Deus austero juiz, fizeram com que os cristãos antigos, particularmente os mais ligados a uma leitura e a um exercício místico do Cristianismo, insistissem num certo “adiantamento” do estado bem-aventurado como atenuador das mazelas e temores desses tempos.

Artigo recebido em 17/10/2013. Aprovado em 06/12/2013.